

XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XII ENANCIB 2012

GT1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARQUIVOLOGIA SOB A ÉGIDE DOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Comunicação Oral

Alexandre de Souza Costa - UFRJ-IBICT

alexandresouzacosta@gmail.com

RESUMO

Apresenta os resultados de uma dissertação de mestrado defendida no segundo semestre de 2011. Identifica como característica de produção do conhecimento em Arquivologia no Brasil o desenvolvimento de pesquisas com temáticas arquivísticas predominantemente em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Analisa, especificamente em seis livros publicados na área arquivística que foram teses ou dissertações em Ciência da Informação em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, no período de 1995 a 2008. Como referencial teórico apresentam-se as questões da interdisciplinaridade entre a Arquivologia e a Ciência da Informação; produção de conhecimento e a comunicação científica; e, a questão do livro como difusor do conhecimento científico. A metodologia utilizada consistiu em fazer um levantamento bibliográfico de acordo com os temas teoricamente empregados. Além disso, os seis livros foram analisados para que fossem buscados elementos que fizessem compreender a busca dos autores para realização de suas pesquisas no campo da Ciência da Informação. Foram realizadas entrevistas com os autores dos livros. As conclusões da pesquisa apontam que a Arquivologia vem se desenvolvendo enquanto disciplina no Brasil. Os livros pesquisados originados de teses e dissertações se tornaram referências no campo arquivístico brasileiro. O relacionamento entre a Ciência da Informação e a Arquivologia para realização das pesquisas se deu de duas formas: interdisciplinar e multidisciplinar. A produção de conhecimento em Arquivologia se dá principalmente através dos livros. Por último, as temáticas dos livros sugerem-nos três dimensões na Arquivologia brasileira: política, técnica e epistemológica.

Palavras-chave: Arquivologia, Ciência da Informação, produção de conhecimento, livros.

ABSTRACT

It presents results of a master degree thesis in the second half of 2011. This research identifies as knowledge production characteristics in Archival science in Brazil the development of researches with archival issues predominantly in graduate programs of Information science. It analyses, specifically six books published in Archival science that were thesis or dissertations in Information Science graduate programs from 1995 to 2008. As theoretical referential, it shows interdisciplinarity between Archival science and Information science; knowledge production and scientific communication; and, the issue of the book as knowledge diffuser. The methodology used consisted of mapping bibliography in according with the theoretical themes approached. Beyond, these six books were analyzed in order to reach elements of comprehension of the authors' researches in Information science field. Finally, it was made interviews with authors of the books. The conclusion of this research indicates the development of Archival science as a discipline in Brazil. The researched books that were thesis and dissertations in Information science became references in Brazilian Archival science. The relationship between Information science and Archival science to conduct the researches were in two ways: interdisciplinary and multidisciplinary. The production of knowledge in Archival science is mainly through books. Finally, the themes of the books propose three dimensions of Archival science in Brazil: political, technical and epistemological.

Key-words: Archival science, Information science, knowledge production, books.

1 INTRODUÇÃO

Para a abordagem da pesquisa empreendida em uma dissertação de mestrado, partimos do reconhecimento de que recentemente surgiram pesquisas com maior aprofundamento teórico e metodológico relacionadas ao campo da Arquivologia no Brasil, o que possibilitou a ampliação do debate científico nesta área. De fato, podemos observar – sobretudo a partir dos anos 90 – novas abordagens. Como exemplo podem ser citados a observação de temas como os documentos eletrônicos e as políticas públicas arquivísticas no Brasil.

Percebe-se uma característica intrínseca da produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil: o desenvolvimento de pesquisas com temática arquivística predominantemente em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Posto isto, pretendeu-se investigar como e por que estas pesquisas foram concebidas no campo da Ciência da Informação. Sobre isto Fonseca (2005, p.102) expôs,

A associação com a ciência da informação parece ser uma característica da evolução da área arquivística no Brasil. (...) considerando a homogeneidade com que teses e dissertações com temática arquivística são acolhidas em diferentes programas de pós-graduação em ciência da informação, (...).

A partir da virada dos anos de 1990 para 2000, alguns temas referentes ao *corpus* teórico-metodológico da Arquivologia evocaram questionamentos de alguns autores tanto no plano internacional como no plano nacional. Momentos de reflexão e revisitação de conceitos postulados no âmbito desta disciplina têm trazido em seu bojo novas abordagens e [re]avaliações em temas, dentre os quais destacamos:

- O objeto de estudo da área – nesta abordagem, os arquivos ou instituições arquivísticas e os documentos de arquivo deixariam de ser objetos privilegiados de estudos da área deslocando-se para a *informação arquivística ou informação registrada orgânica*, termo cunhado por Jean-Yves Rousseau e Carol Couture (1998);
- Seus territórios de delimitação científica – com o deslocamento apontado acima no tocante ao objeto da área, surgiram abordagens quanto às políticas públicas de arquivos, educação arquivística, documentos eletrônicos e a reflexão sobre a construção do conhecimento arquivístico;

- Metodologia – novas pesquisas apontaram reflexões sobre a noção de fundo arquivístico, o princípio da proveniência e a teoria das três idades. Neste período, pode ser destacada a abordagem sistêmica dos arquivos e a ideia de pós-custódia dos documentos;
- Relacionamento com outras áreas do conhecimento – novos cruzamentos disciplinares ampliaram o debate sobre a interdisciplinaridade da área. As relações conhecidas entre a Arquivologia e a História, a Diplomática, e a Administração foram estendidas à Sociologia, Antropologia, Ciência da Computação e a Ciência da Informação;
- Produção de conhecimento – a partir dos anos 90, observa-se um número maior de publicações tais como dicionários, manuais, livros e revistas especializadas sobre Arquivologia, inclusive no Brasil. A realização de congressos e a ampliação da quantidade de eventos na área foi outro fator importante para o crescimento da produção de conhecimento arquivístico no país.

Deste modo, torna-se necessário apontar que esta pesquisa buscou contribuir para a Ciência da Informação e a Arquivologia brasileiras, oferecendo dados sobre a produção de conhecimento ocorrida no campo arquivístico no período de 1995 a 2008 nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. A análise desse cenário, em nosso entendimento, poderá contribuir para o desenvolvimento científico da Arquivologia e da Ciência da Informação, especialmente no caso brasileiro.

Diante do exposto, apresentam-se as seguintes indagações:

Por que os autores de teses e dissertações com temática arquivística, posteriormente publicadas como livros, escolheram programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, no período entre 1995 e 2008, para a realização de suas pesquisas?

Como e em que grau a interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e a Arquivologia contribuiu para estas teses e dissertações?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar livros científicos, de interesse arquivístico, publicados no Brasil e originados de pesquisas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, no período de 1995 a 2008.

Os objetivos específicos foram identificar aspectos qualitativos e quantitativos na produção de conhecimento de interesse arquivístico, difundida em livros, oriundos de teses e dissertações em programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil durante o período de 1995 a 2008; analisar através de livros científicos de interesse arquivístico, a produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil e a sua inserção em Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, verificando possíveis relações entre as duas disciplinas e examinar os aspectos que nortearam a escolha dos autores por programas de pós-graduação em Ciência da Informação para o desenvolvimento de suas pesquisas, bem como a avaliação que apresentam desta opção.

2 RELACIONAMENTO ENTRE OS CAMPOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA ARQUIVOLOGIA

Diante de novas demandas para resolução de problemas relacionados ao conhecimento, surgem perspectivas na contemporaneidade que se apresentam para criação de novas possibilidades no universo técnico, político e científico. Uma dessas perspectivas é o relacionamento entre campos¹ de conhecimento científico a partir de suas teorias e métodos de aplicação.

Nesta direção, apresenta-se uma questão recente no Brasil: o relacionamento entre a Ciência da Informação e a Arquivologia principalmente a partir da produção de teses e dissertações com temáticas arquivísticas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, nitidamente a partir dos anos de 1990.

A interdisciplinaridade se faz necessária devido à fragmentação do saber, ou seja, um alto grau de especialização por parte das ciências ou saberes compartimentados (JAPIASSÚ, 1976). A interdisciplinaridade viria como proposta no bojo da pós-modernidade e criaria a possibilidade do diálogo entre (inter) as disciplinas formando uma idéia de interação. O

¹ Pierre Bourdieu (1983) argumenta que os campos da ciência não se diferem em nada de um campo social como outro qualquer, pois sempre há um embate, uma luta de forças em busca de legitimidade e reconhecimento social em um determinado espaço simbólico. Desta forma, temos uma concorrência pelo monopólio da competência científica e a necessidade de legitimidade nos discursos em um primeiro nível institucional e, logo após, no nível pessoal. Um outro aspecto sobre a busca de legitimidade e o reconhecimento social é a questão política. Desta maneira, as questões epistemológicas se confundiriam com questões políticas. Bourdieu afirma que as posições estratégicas no campo científico são ideológicas disfarçadas de epistemológicas. Desta forma, o discurso engendrado pelos que estão institucionalmente amparados é de se manterem justificando sua posição e, ao mesmo tempo, desacreditarem os que estão em posição oposta, ou seja, os pesquisadores contra hegemônicos. Tem-se então, uma relação de poder.

resultado desta interação, a partir do rigor teórico-metodológico aplicado e tendo por mediação a interdisciplinaridade, traria novas perspectivas de abordagens científicas.

Japiassú ainda nos lembra de que o conceito de interdisciplinaridade evoca três outros conceitos no que diz respeito ao relacionamento de disciplinas ao qual ele chamou de “conceitos vizinhos” (JAPIASSÚ, 1976, p.72). O Quadro 1 expressa estes conceitos e as diferenças entre eles.

Quadro 1: Definições dos conceitos de Multidisciplinaridade, Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade e suas especificidades.

DEFINIÇÃO	DESCRIÇÃO GERAL	TIPO DE SISTEMA
Multidisciplinaridade	Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas.	Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação.
Pluridisciplinaridade	Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas.	Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação.
Interdisciplinaridade	Axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz noção de finalidade.	Sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos; coordenação procedendo do nível superior.
Transdisciplinaridade	Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral.	Sistema de níveis e objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.

Fonte: Elaboração própria com base em Japiassú (1976).

Pombo (1994, grifo da autora) apresenta interdisciplinaridade da seguinte forma:

Por **interdisciplinaridade**, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir de uma confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum. (...). Conforme os casos e os níveis de integração pretendidos, ela pode traduzir-se num leque muito alargado de possibilidades: transposição de conceitos, terminologias, tipos de discurso e argumentação, cooperação metodológica e instrumental, transferência de conteúdos, problemas, resultados, exemplos, aplicações, etc.

Ainda Pombo (2005, p.11, grifo da autora) em uma palestra conferida no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-graduação, conclui seu pensamento da seguinte forma:

Sem interesse real por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo. Não se trata de defender que, com a interdisciplinaridade, se alcançaria uma forma de anular o *poder* que todo *saber* implica (o que equivaleria a cair na utopia beata do sábio sem poder), mas de acreditar na possibilidade de partilhar o poder que se tem, ou melhor, de *desejar* partilhá-lo. Como? Desocultando o saber que lhe corresponde, explicitando-o, tornando-o discursivo, discutindo-o.

No que tange à interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e Arquivologia, os primeiros estudos que tratam da questão foram iniciados a partir dos anos 90. No ano de 1992, em um artigo intitulado “As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação”, Jardim e Fonseca (1995, p.48) abordam que ambas as disciplinas tratam da questão da informação, no entanto, na perspectiva dos autores a relação entre as disciplinas era pouco observado:

Apesar da Arquivística e da Ciência da Informação partilharem do mesmo domínio de estudos – a informação – os níveis de interação que apresentam são bastante precários. Ainda que a informação seja contemplada por ambas as disciplinas a partir das suas diferentes propriedades e especificidades quanto à produção, uso e disseminação, o território disponível para o intercâmbio teórico e prático mostra-se extremamente vasto.

O quadro atual parece favorecer tal interação à medida em que a Ciência da Informação vem buscando a construção da sua identidade disciplinar e a Arquivística inicia um processo de revisão em torno de seus objetos.

Neste mesmo artigo, os autores apontam que embora a informação enquanto objeto seja contemplada pelas duas disciplinas, no plano internacional não pode ser observado o relacionamento entre elas. Além disso, os autores afirmam que a literatura clássica da Ciência da Informação não contempla a informação arquivística. Por outro lado, a literatura arquivística também não menciona a Ciência da Informação (JARDIM; FONSECA, 1995, p. 47).

Em um estudo de bastante fôlego com intenção de demonstrar uma epistemologia do campo arquivístico, Silva et al. (2002, p. 214) publicaram o livro “Arquivística – Teoria e

prática de uma ciência da informação”. Nesta obra, os autores entendem que a Arquivística² não só possui relações com a Ciência da Informação, mas é uma Ciência da Informação.

A Arquivística é uma ciência de informação social, que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-) fechados), quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente.

Smit (2003) por seu turno considera que a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia são disciplinas que possuem um objetivo em comum, tornar informações acessíveis. Por isso estes campos seriam interfaces da Ciência da Informação. Smit (2003) ainda aborda que se observamos as práticas feitas em tempos remotos, as instituições recebiam tanto materiais arquivísticos como materiais bibliográficos. Com a invenção da imprensa, os materiais começaram a ser separados por conta das diferenças de tipologia. Ainda Smit (2003) interpreta que tanto a Biblioteconomia como a Arquivologia são modalidades pragmáticas da Ciência da Informação.

Nesta direção, Araújo (2011) expressou o seguinte:

Uma outra área do conhecimento, fortemente relacionada à CI [Ciência da Informação], é a Arquivologia. A Arquivologia sempre teve traço identitários com a Biblioteconomia. Ambas são igualmente antigas e ligadas ao surgimento dos suportes escritos do conhecimento humano. Ambas desenvolveram, ao longo dos séculos, técnicas e procedimentos para, num primeiro momento, conservar e guardar os documentos; depois organizá-los de maneira a serem recuperados e, em tempos mais recentes, para tornar acessíveis seus conteúdos. E, tal como a Biblioteconomia, também a Arquivologia não conseguiu desenvolver, ao longo dos anos, um corpo de conhecimentos propriamente científicos.

Na perspectiva de Araújo (2011), a Ciência da Informação, por seu caráter interdisciplinar “acomodaria” a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia (também inserida nesta perspectiva) e permitiria que estas áreas se desenvolvessem.

Sobre este aspecto, podemos destacar a conferência feita por José Maria Jardim na abertura do 3º Congresso Nacional de Arquivologia realizado em 2008 no Rio de Janeiro. Jardim expõe que o discurso sobre a relação interdisciplinar entre a Arquivologia e a Ciência da Informação é mencionado, porém, não é praticado. Além disso, Jardim afirma que a ideia de subordinação da Arquivologia à Ciência da Informação ganha espaço, sobretudo no Brasil

² Em toda obra a disciplina é referenciada com este nome. No nosso entendimento Arquivística e Arquivologia são sinônimos.

e que não procede internacionalmente (JARDIM, 2008, p. 37). Como pode ser observada, esta questão se repete e parece inalterada em quase 20 anos após o texto deste mesmo autor juntamente com Maria Odila Fonseca na página anterior.

Jardim (2008, p.38) ainda apresenta o que parecem ser equívocos no caso brasileiro:

Um equívoco é a perspectiva, pelo em algumas interpretações, de que a Arquivologia é uma modalidade pragmática ou universo de aplicação da Ciência da Informação. Essa perspectiva reduz a Arquivologia a um campo de aplicação da Ciência da Informação, passando ao largo dos dispositivos teóricos da área. Ainda que os dispositivos teóricos da Ciência da Informação possam e devam ser no universo empírico arquivístico, isso não equivale necessariamente a uma relação de subordinação da Arquivologia em relação à Ciência da Informação. Essa concepção vem ganhando espaço no Brasil, inclusive, de alguma forma, no campo arquivístico.

Um outro equívoco, é a ideia de que Arquivologia, junto com a Biblioteconomia e a Museologia, constituem-se na base da Ciência da Informação. Ao menos em relação à Arquivologia, basta analisar a história da área e também da Ciência da Informação para afirmar que essa afirmação é inconsistente.

Desta forma, Jardim (2008, p. 38) entende que a Arquivologia é uma área autônoma do conhecimento, contudo, isto não compromete a possibilidade de obter relações interdisciplinares:

(...) parece-me equivocada a perspectiva de que a autonomia da Arquivologia é incompatível com o imperativo da sua interdisciplinaridade. Autonomia e relações interdisciplinares não são categorias excludentes. Um campo de conhecimento pode manter relações interdisciplinares com diversas outras áreas sem que sua autonomia, como um campo, seja diluída. Autonomia não significa insulamento.

A fim de verificar o exposto acima sobre a especificidade brasileira quanto às relações da Ciência da Informação com a Arquivologia, foi pesquisado no *site* do *ASIS – American Society of Information Science* os números recentes do importante anuário *ARIST – Annual Review of Information Science and Technology*³. A proposta foi identificar títulos de trabalhos e possíveis temáticas arquivísticas.

Foram observados 129 (100%) títulos do ano de 2002 a 2010. Deste total, apenas 2 (1,55%) títulos tratam de questões pertinentes à Arquivologia, que são os seguintes: ***The Preservation of Electronic Records*** por Patricia Galloway e ***Electronic Records***

³ Disponível em <http://www.asis.org/Publications/ARIST>. Acesso em 14 de janeiro de 2010.

Management por Anne Gilliland-Swetland. Como pôde ser observado, ambos tratam da questão dos documentos eletrônicos.

Na apresentação feita por Jardim – comentada anteriormente – o autor informa que fez um levantamento de três anos (2006, 2007 e 2008) do ENANCIB com o objetivo de verificar se as relações interdisciplinares efetivamente acontecem. Dos 451 (100%) trabalhos levantados por Jardim, apenas 12 (4%) tratam de forma total ou parcial de questões relacionadas aos arquivos. O autor conclui este levantamento da seguinte forma: “Ao menos, quantitativamente, a interdisciplinaridade está longe de ser evidente, no caso específico” (JARDIM, 2008, p. 41).

Mariz (2004) observou as relações entre os dois campos a partir de uma abordagem sistêmica. Verificou que na Ciência da Informação, os Sistemas de Informação são bastante importantes enquanto campo de estudo. No que diz respeito à Arquivologia, a autora observa que não há um consenso sobre Sistemas de Arquivos, que poderiam ser entendidos como Sistemas de Recuperação de Informação, logo como Sistemas de Informação. Desta maneira, Mariz aponta que a abordagem sistêmica poderia ser um ponto de convergência entre as áreas. Mariz ainda incita para a possibilidade de instrumentalização da relação entre as duas áreas:

(...) parece-nos fundamental para a Arquivística, assim como para várias outras áreas do conhecimento, buscar nos estudos e reflexões oriundos da Ciência da Informação insumos para o aprimoramento de suas atividades teóricas e práticas. Mais do que constatar relações, seria preciso criá-las. Tais relações enriqueceriam ambas as áreas abrindo novos horizontes para as abordagens à informação em seus aspectos de produção, gestão e difusão (MARIZ, 2004, p.34).

Em dissertação sobre a informação arquivística produzida por Eliezer Pires da Silva⁴, podemos observar uma possibilidade de diálogo entre Arquivologia e a Ciência da Informação. Nesta pesquisa, o autor propõe uma perspectiva informacional concernente aos arquivos. Nesta perspectiva, o objeto da Arquivologia seria a informação arquivística. Assim, ao considerarmos a informação enquanto objeto de estudo da Ciência da Informação, podemos entender que potencialmente a informação arquivística poderá ser inserida como tema de interesse para pesquisa desta área.

⁴ SILVA, Eliezer Pires da. **A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no Brasil (1996-2006)**. 110f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, 2009.

No entanto, Silva na conclusão de seu trabalho, compreende a noção de informação arquivística da seguinte forma: “A dimensão de inovação no emprego da expressão *informação arquivística* ainda não está clara” (SILVA, 2009, p. 116, grifos do autor). E mais: “Pode-se também inferir que os argumentos sobre as mudanças na Arquivologia hoje não apresentaram uma articulação capaz de embasar um conceito de informação arquivística” (SILVA, 2009, p. 116).

Nesta proposição, a interdisciplinaridade entre as duas áreas estaria condicionada à produção de conhecimento arquivístico nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Sendo assim, a noção de informação arquivística aproximaria a Arquivologia da Ciência da Informação de forma muito mais conjuntural do que epistemológica.

2.1 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Os conceitos de produção de conhecimento no âmbito das ciências sociais e sua relevância para as áreas do saber foram essenciais como referências a esta pesquisa. Jardim (1999, p. 99), ao abordar a importância da produção de conhecimento, afirma:

O conhecimento publicado constitui um dos elementos de análise da produtividade científica. Entre os indicadores mais utilizados na medida da produção científica, estão o número e diversidade de publicações de um país, região, universidade, unidade acadêmica, grupo de pesquisa ou cientista individual.

Em um glossário de termos e conceitos da área de comunicação científica, Lara (2006, p. 407-8) define produção científica da seguinte forma: “Medida do volume de livros, artigos de periódicos e outras modalidades de publicações impressas, digitais ou eletrônicas, contendo os resultados da pesquisa científica de autores, instituições, regiões, países ou áreas temáticas”.

Rosseau e Couture (1998, p. 255, grifo nosso) por seu turno, no que diz respeito às pesquisas nas áreas do conhecimento, afirmam:

Pode ajuizar-se da maturidade de uma área de conhecimento pelo estado de desenvolvimento dos seus programas de formação e das suas **atividades de investigação**. Para assegurar a existência, a manutenção e o desenvolvimento de uma disciplina – seja ela qual for –, é preciso, guardando as distâncias relativamente ao quotidiano, sem contudo dele nos separarmos, regressar aos princípios, às noções de base e aos métodos aplicados pela prática, com vista a defini-los novamente, a testá-los, a pô-los em causa, a descrevê-los e a difundi-los, tudo isso com o objectivo de

facilitar uma uniformidade na aplicação. Não são esses, precisamente, os principais objectivos de qualquer esforço de formação e de investigação?

De semelhante modo, consideramos a comunicação científica como referencial nesta pesquisa.

As áreas do conhecimento só poderão atingir a legitimidade em suas pesquisas a partir da aceitação dos pares, ou seja, da comunidade científica (MEADOWS, 1999, p. vii). Nesta mesma direção, Targino (2000, p. 10) aponta que: “A comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas”.

As áreas do conhecimento possuem uma comunidade de cientistas que pesquisam motivados pela necessidade de novas descobertas e a possibilidade do progresso da humanidade a partir destas. Quanto à questão da importância da comunicação na ciência, Meadows (1999, p. vii) abre o prefácio de seu livro “A Comunicação Científica” com a seguinte afirmação: “A comunicação situa-se no próprio coração da ciência”. Neste sentido, compreende-se que a pesquisa científica pressupõe sua comunicação.

Desta mesma forma, Ziman pondera o seguinte (1976, p.116): “Uma das importantes conclusões sobre a natureza da Ciência é que a literatura sobre um determinado assunto é tão importante quanto o trabalho de pesquisa a que ele dá origem”.

Devido ao aumento exponencial da quantidade de pesquisas desenvolvidas, torna-se importante apontar que a publicação de pesquisas científicas só será possível depois da avaliação feita pelos pares – *referees*, ou seja, os trabalhos devem passar pela avaliação da comunidade de cientistas. Sobre este aspecto, Meadows (1999, p. 12) afirma o seguinte: “Assim como cresceu a comunidade científica também cresceu a necessidade de garantir que somente se publique material aceitável. Também há diferenças de atitude tanto em relação a reivindicações de prioridade quanto a controle de qualidade dependendo da disciplina”.

O processo de comunicação científica é inerente ao fazer científico. Ademais, o conhecimento publicado poderá repercutir no âmbito de uma determinada comunidade científica como parte do processo de renovação do conhecimento na área da qual o autor faz parte, podendo estabelecer novas pesquisas motivadas pela crítica exercida sobre determinado trabalho.

Além disso, a comunicação científica incorpora atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia

para pesquisar até que a informação é aceita como constituinte do estoque universal de conhecimentos (Garvey *apud* Targino 2000, p. 10).

2.3 O LIVRO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Entre os recursos e produtos da comunicação científica, o livro exerce um papel de destaque enquanto canal de difusão de conhecimento. Desta forma, será necessário definir o livro e apontar sua importância para a comunicação científica, especialmente no que diz respeito à Arquivologia. Nos critérios que serão observados nesta pesquisa, o livro é entendido como um instrumento de difusão do conhecimento possibilitando o aperfeiçoamento individual e social.

Para Machado (1994), o que conhecemos por livro refere-se ao *códice* cristão. Isto desde o século VI aos dias atuais. O *códice* usado pelos cristãos tinha por característica ser um pergaminho retalhado em folhas soltas, costuradas ou coladas com uma capa de material rígido. O livro, como conhecemos, era mais genérico e designava-se por qualquer dispositivo de fixação do pensamento independentemente do material, podendo ser de tábua de argila, pedra ou rolo de pergaminho. Com a expansão do cristianismo as definições se inverteram e o livro passou a designar o que era antes o *códice*, e as fixações de pensamento mais genéricas ficaram sem uma definição.

Machado (1994) ainda apresenta a seguinte definição para o livro: “(...) numa acepção mais ampla, como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os voos de sua imaginação”.

No prefácio de “O aparecimento do livro”, Lucien Febvre (1992, p. 15) apresenta a importância do livro para o desenvolvimento da sociedade e da disseminação do conhecimento através da cultura escrita:

(...) um dos mais poderosos instrumentos de que pôde dispor a civilização ocidental para concentrar o pensamento disperso de seus representantes, conferir toda a eficácia à meditação individual dos pesquisadores, ao transmiti-la logo a outros pesquisadores; reunir, segundo a conveniência de cada um, e sem demora nem dificuldades, nem despesas, esse concílio permanente de grandes espíritos de que falou Michelet em termos imorredouros; conferir-lhe assim um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação; assegurar, num tempo mínimo, a difusão das idéias através de todo o domínio ao qual os obstáculos de escrita e de língua não proibem o acesso; criar, além disso, entre os pensadores e, além de seu pequeno círculo, entre todos os que usam o pensamento, novos hábitos de

trabalho intelectual: numa palavra, mostrar, no Livro, uma das formas mais eficazes desse domínio do mundo.

A UNESCO define livro da seguinte forma: “Publicação impressa não periódica com até 49 páginas excluindo as capas, publicado no país e disponível ao público”.

Outra perspectiva de definição do livro na qual esta pesquisa se baseou, encontra-se no “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia”, publicado em 2008 no Brasil por Murilo Bastos Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti. Esta obra possui principalmente termos utilizados nas disciplinas de Biblioteconomia e Arquivologia, mas com termos de áreas afins como Ciência da Informação, Museologia, Comunicação, entre outras disciplinas.

Documento, formado pela reunião de folhas ou cadernos, geralmente impressos e constituindo uma unidade bibliográfica. Difere das publicações periódicas e outras formas de material documentário como, p.ex., filmes, estampas e mapas. (...) Publicação avulsa, contendo no mínimo 50 páginas impressas, grampeadas, coladas ou costuradas e revestidas de capa.

Considerando a importância dos livros para as áreas do conhecimento no Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes – aprovou, através da 111ª reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior em 24 de agosto de 2009, o roteiro para classificação dos livros. Neste sentido, a produção intelectual veiculada através dos livros devido a sua importância será avaliada, assim como é feito com os periódicos. Após esta avaliação, os livros receberão uma classificação de acordo com três categorias de ordem qualitativa: relevância, inovação e potencialidade de impacto. Contudo, é mister informar que a Capes não informa quais são as áreas que terão os livros avaliados no que diz respeito à produção de conhecimento.

Embora seja referenciado que os livros não sejam particularmente usados apenas pela comunidade acadêmica brasileira, é informado que não existem padrões para avaliação dos mesmos em outras partes do mundo. Desta maneira, os livros também fazem parte da construção das áreas de conhecimento como canal da comunicação científica.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Diante das questões que envolvem o conhecimento arquivístico produzido no Brasil, tornou-se necessário apresentar aspectos intrínsecos à produção deste conhecimento

proveniente de teses e dissertações no âmbito de programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Desta forma, para compreensão do universo empírico, foram analisadas as características destas teses e dissertações com temática arquivística compreendidas publicadas como livro científico entre os anos 1995 e 2008.

Neste sentido, foram analisados aspectos comuns aos seis livros pesquisados tais como: intervalo entre o ano de defesas de dissertação/tese e publicação dos livros, distribuição por estado, programas nos quais foram produzidos, orientadores, editoras, atividade profissional dos autores, graduação dos autores e temáticas.

Além disso, foram realizadas entrevistas com a perspectiva de compreender questões que vão além das possíveis interpretações das leituras dos livros. Em linhas gerais, buscou-se verificar e aprofundar junto aos autores as razões pelas quais culminaram na transformação das dissertações e teses em livros.

4 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa apontam que a relação interdisciplinar entre a Arquivologia e a Ciência da Informação no Brasil, está condicionada ao desenvolvimento de pesquisas que abordem de forma teórico-metodológica a questão da interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Desta forma, ambas as áreas poderão trocar experiências sobre as metodologias, os conceitos e o objeto de cada uma.

Algumas falas dos autores entrevistados ao responderem sobre o que pensavam da subordinação da Arquivologia à Ciência da Informação, na tabela de avaliação de áreas do CNPQ evidenciam os resultados desta pesquisa:

Sinceramente, tenho sérias restrições a esta classificação, embora não consiga desenvolver um raciocínio lógico explicando o porquê. Por ora, prefiro interpretar a Arquivologia como uma área autônoma, que se utiliza do conhecimento de diversas outras áreas (...).

A Arquivologia é uma ciência autônoma, totalmente autônoma. Ela é muito autônoma, se é uma coisa que eu passei a ter certeza com o mestrado e doutorado é a riqueza da Arquivologia enquanto área do conhecimento autônoma, que tem um *core* lindíssimo.

(...) eu acho que apesar da tabela do CNPQ ainda contemplar a Ciência da Informação como uma área do conhecimento e a Arquivologia como subárea, a minha visão é que num tempo não muito distante isso será revertido, algumas discussões aconteceram e depois foram deixadas de lado,

mas isso será retomado. Evidentemente que isso depende de quem atua na Arquivologia e do papel, do produto e do esforço que for concentrado para isso. Então, me parece que a Arquivologia tem todas as condições de pleitear e conseguir se consolidar como área do conhecimento e em consequência disso alterar a tabela do CNPQ.

Outro aspecto a ser mencionado é que o conhecimento advindo dos livros publicados possui um caráter eminentemente da área de Arquivologia conforme a fala de um dos entrevistados:

Não tenho essa pretensão de achar que teve repercussão na Ciência da Informação não. Agora, não trouxe nenhuma contribuição assim para a epistemologia da Ciência da Informação. Acho que trouxe para a epistemologia arquivística.

Ademais, pode ser percebido a partir do campo empírico que a relações entre as duas disciplinas vêm sendo construído, mas muito mais de forma circunstancial do que epistemológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido por esta pesquisa sugere-nos que a Arquivologia enquanto área do conhecimento científico está se desenvolvendo no Brasil, na medida com que o campo tem conquistado seu espaço nas universidades públicas brasileiras. Isto pode ser observado a partir da produção de conhecimento, principalmente através dos livros como canal de comunicação científica. Contudo, apenas a publicação bibliográfica de forma pulverizada não é suficiente para a sustentação de um campo que pretende ser reconhecido como científico e autônomo.

Observou-se uma busca de construção de diálogos com a Ciência da Informação por parte dos autores desde o primeiro livro “Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil” publicado em 1995, até o livro mais recente “A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil”, publicado em 2008. Não obstante, houve uma exceção, o livro “Gestão de documentos eletrônicos: uma visão arquivística”, de 2002. Isto pode ser observado pela falta de referências de autores da Ciência da Informação no desenvolvimento da pesquisa e a falas do autor.

Outro fator que atesta o desenvolvimento do campo arquivístico no Brasil é a quantidade de teses e dissertações com temática arquivística elaborada em programas de pós-

graduação em Ciência da Informação, ao qual se incluem as que foram objeto desta pesquisa e se tornaram livros que hoje são referências teóricas no campo arquivístico.

Outro aspecto significativo refere-se às contribuições mais específicas às questões epistemológicas do campo. Tratam-se das teses e dissertações que abordaram temas semelhantes ao desta pesquisa. Atribuímos à Maria Odila Fonseca o início de estudos com esta característica no Brasil com a tese “Ciência da Informação e Arquivologia: relações interdisciplinares”, defendida no ano de 2004. Desde a tese de Maria Odila Fonseca, ocorreram pelo menos mais quatro pesquisas das quais temos conhecimento sobre este aspecto: “Os espaços de diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil”, de Angélica Cunha Marques, defendida no ano de 2007; “A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil (1996-2006)”, de Eliezer Pires da Silva, defendida no ano de 2009; “Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação: cartografia das práticas discursivas”, de Welder Antônio Silva, também defendida em 2009; e, “Interlocações entre a Arquivologia Nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil”, novamente de Angélica Cunha Marques, defendida no ano de 2011.

No que tange o relacionamento entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, para que de fato este relacionamento seja interdisciplinar, será necessário o aprofundamento e verticalização teórica em pesquisas que abordem esta perspectiva entre os dois campos. Desta forma, será necessário avaliar contingências históricas no Brasil e no mundo, metodologias, saberes, práticas de ambas as áreas e como elas se relacionam. O caso brasileiro aponta que esta relação se dá principalmente na pesquisa de temas arquivísticos em programas de pós-graduação de Ciência da Informação. A partir da análise dos livros pesquisados, podemos perceber que a relação entre os dois campos se dá de forma multidisciplinar e interdisciplinar.

O conhecimento produzido pelos atores do campo arquivístico no Brasil favorece, junto às agências de fomento, os programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, nas esferas quantitativa e qualitativa. Todavia, a Arquivologia e seu arcabouço teórico-metodológico parecem não ser plenamente abordados pela Ciência da Informação, ou seja, as temáticas arquivísticas não se encontram nas agendas de pesquisa, embora os programas de pós-graduação em Ciência da Informação aceitem pesquisas com estas temáticas.

Os dados analisados e o conceito de campo científico desenvolvido por Pierre Bourdieu nos permite afirmar que a Arquivologia e a Ciência da Informação, embora apresentem níveis de relacionamento, são campos distintos, no caso brasileiro. Enquanto a Ciência da Informação busca se institucionalizar no Brasil enquanto campo científico, a

Arquivologia parece buscar se legitimar enquanto área de conhecimento científico autônomo, sem negar contudo sua dimensão interdisciplinar.

Ainda sobre a produção de conhecimento arquivístico no Brasil, reafirmamos que esta produção se dá principalmente pela produção bibliográfica. Assim, torna-se determinante para a continuação do desenvolvimento científico do campo a criação e manutenção regular de periódicos destinados à temática arquivística para certificação da Arquivologia como disciplina científica.

A partir das temáticas dos livros objeto desta pesquisa, constatam-se três dimensões da pesquisa em Ciência da Informação com temáticas arquivísticas no Brasil: (i) uma dimensão política – que busca compreender a (não) construção de políticas públicas voltadas para os arquivos no Brasil; (ii) uma dimensão técnica – voltada para instrumentalização e operacionalização de sistemas arquivísticos a partir de referenciais teóricos internacionais e nacionais, principalmente relacionada aos documentos em formato digital; e, (iii) uma dimensão epistemológica – direcionada para construção científica do campo arquivístico no Brasil a partir de seus marcos históricos, teorias e princípios e o relacionamento com outros campos de conhecimentos científicos.

Por fim, entende-se que os livros produzidos a partir das teses e dissertações em Ciência da Informação de caráter arquivístico contribuíram para o avanço e reflexão da Arquivologia e representaram novas descobertas de pesquisa deste campo no cenário brasileiro. Além disso, estes livros podem caracterizar um sinônimo de ampliação do debate e legitimação científica, onde a Arquivologia possa alcançar um reconhecimento de ciência autônoma entre as Ciências Sociais Aplicadas no Brasil.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: Relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Livros e folhetos – Apresentação: NBR 6029**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 31 out. 2003. (Edição Extra)

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Teses e dissertações.** In: CAMPELLO, Bernadete S.; CENDÓN, Beatriz V.; KREMER, Jeannette M. (Orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 121-128

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond. **Manual de investigação em ciências sociais.** Lisboa: Gradiva, 2003. 282 p.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo.** Brasília: Finatec, 1999. 190 p.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. Dicionário de biblioteconomia e Arquivologia. Brasília; Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

DIAS, Eduardo Wense. Obras de referência. In: CAMPELLO, Bernadete S.; CENDÓN, Beatriz V.; KREMER, Jeannette M. (Orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 183-190.

FEBVRE, L.; MARTIN, L. **O aparecimento do livro.** São Paulo: UNESP/Hucitec, 1992.

FONSECA, Maria Odila. O ensino da Arquivologia e a literatura arquivística. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil.** Niterói: Eduff, 1999.

_____. **Arquivologia e ciência da informação.** Rio de Janeiro: FGV, 2005. 124 p.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira; NORONHA, Daisy Pires. Literatura Cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Orgs.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação.** São Paulo: Angellara, 2006. p. 215-235.

HERSCHMAN, Arthur. The primary journal: past, present and future. **Journal of Chemical Documentation**, v. 10, n. 1, p. 37-42, Feb. 1970. Disponível em: <http://pubs.acs.org/doi/pdf/10.1021/c160036a014>. Acesso em: 08 out. 2008.

JAPIASSÚ, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JARDIM, José Maria. As relações interdisciplinares da Arquivologia. In: III Congresso Brasileiro de Arquivologia. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008. (CD-Rom)

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil.** Niterói: Eduff, 1999. 202 p.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cadernos de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 41-50, 1995.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Educação arquivística, pesquisa e documentos eletrônicos. **Cenário Arquivístico**, v. 2, n. 2, p. 52-55, 2003.

LARA, Marilda Lopes Ginez. Termos e conceitos da área de comunicação e produção científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Orgs.) **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p. 387-414

MARIZ, Anna Carla Almeida. Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 29-36, 2004.

LE CODIAC, Yves-Fraçois. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 117 p.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estud. av.* [online]. São Paulo, v.8, n.21, 1994, p. 201-214. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em 30 de out. 2008.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.

MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. “O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura”. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 25, n.3, 1996, p.375- 382.

MUELLER, Suzana P.M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramma Zero-Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, n. zero dez. 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/985>. Acesso em: 30 de out. 2008.

MUELLER, Suzana P.M. A Ciência, o Sistema de Comunicação Científica e Literatura Científica In: CAMPELLO, Bernadete S.; CENDÓN, Beatriz V.; KREMER, Jeannette M. (Orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 21-34.

OLIVEIRA, Eliana Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg; SOUZA, Kátia Isabelli de; SOUZA, Renato Tarciso de; MONTIEL, Rosane. Proposta de reforma curricular do curso de Arquivologia da universidade de Brasília. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v.1, n.1, p. 40-46, jan./jun.2002.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração de saberes. **Liinc em revista**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 4-16, 2005.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2003. 282 p.

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 160 p.

ROSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os Fundamentos da disciplina Arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356 p.

SILVA, Armando Malheiro; et al. **Arquivística – Teoria e Prática de uma ciência da informação**. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 254 p.

SILVA, Eliezer Pires da. **A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no brasil (1996-2006)**. 2008. 110f. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, São Paulo, 2008.

SMIT, Johanna W. Arquivologia/Biblioteconomia: Interfaces da Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 8, n. 1, 2003.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 30 de out. 2008.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo/USP, 1979. 164 p.